

A man in a black tuxedo with a white shirt and black bow tie is embracing a woman from behind. The woman is wearing a red, lace-trimmed, backless dress. They are set against a dark red background with bokeh light effects.

BOX
VOL. 1 E 2

La. e.

MINHIA

A VIRGEM E O CEO MISTERIOSO

CHRISTINE KING

BOX

- TÃO MINHA
- FINALMENTE MINHA

Tão
MINHA

CHRISTINE KING

1ª Edição

2020

Copyright © 2021 – Christine King

Capa: **LA Capas**

Revisão: **Christine King, Eveline Knychala**

Diagramação: **Denilia Carneiro**

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

TÃO MINHA

SINOPSE

AGRADECIMENTOS

EPÍGRAFE

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO FINAL](#)

[**FINALMENTE MINHA**](#)

[SINOPSE](#)

AGRADECIMENTOS

EPÍGRAFE

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

ÚLTIMO CAPÍTULO

EPÍLOGO

EPÍLOGO 2

BÔNUS

VAMOS CONHECER “DIGA QUE É MINHA”?

[CONHEÇA MEUS OUTROS](#)

[LIVROS:](#)

[SOBRE A AUTORA](#)



SINOPSE

UM HOMEM MAIS VELHO E UMA ADOLESCENTE NUM JOGO DE AMOR PROIBIDO.

Gianluca Tedesco era o objeto de desejo da adolescente Josephine. Era lindo, rico e um canalha, e Josephine achava que ele era o SEU canalha, enquanto ele a seduzia sem saber, com seu sorriso torto, seu melhor terno e seu corpo excitante.

Josephine era apenas a amiga de sua irmã, e quanto mais proibido Gianluca se mostrava, mais ela o queria.

Porque o proibido é mais gostoso, dizia Gianluca com seu olhar escuro e misterioso, enquanto o corpo de Josephine reagia, pedindo por ele.

Eles brincaram tanto de perigo, que um dia se queimaram.

Tempos depois, o destino diria se ainda haveria um futuro para eles.

Depois de se ferirem, ela

ainda seria tão sua?

Gianluca, porém, não tinha dúvida: ela seria sua.

Um romance ardente e sensual, com uma profunda aura romântica.

CONTEÚDO IMPRÓPRIO PARA MENOS DE 18 ANOS.
CONTÉM CENAS DE SEXO.

AGRADECIMENTOS

Deus sempre em primeiro lugar.

Quero agradecer à minha família, ao meu esposo companheiro de todas as horas, às amigas que me ajudaram com tudo nesse livro, verdadeiros anjos em minha vida: Eveline Knychala, Pry Olivier, Jéssica Larissa, Letti Oliver.

Só vocês sabem o quanto são importantes para mim. Esse livro não existiria sem vocês.

Obrigada queridas moderadoras das luxuosas da Christine King pela ajuda e doçura de sempre.

Obrigada amadas leitoras por estarem comigo aqui, acompanhando-me.

Só amor e gratidão a todos vocês.

Deus os abençoe.

Com amor, Christine King.

EPÍGRAFE

"À noite, ele vem
Para me seduzir no escuro,
Tocando seu violão
Dançando com as estrelas
Olhando-me como uma pantera
Com seus misteriosos olhos negros
Eu quero odiá-lo
Quando ele se vai de manhã
Mas toda noite ele me seduz
Com seu doce veneno"



PRÓLOGO

GIANLUCA

Verão de 2017.

Como diziam por aí, eu era uma legião.

Um monte de homens em um. E um bando de demônios juntos, talvez, que eu até agora não me preocupei em expulsar.

Fodam-se as cobranças para ser um bom homem. Não era idade para estas preocupações: era idade para jogar, e ganhar. O poder era uma coisa que tinha de ser trabalhada para ser conquistada.

Eu nunca tive dúvidas sobre isso. De resto, eu preferia agir silenciosamente.

Gostava da aura de mistério. Que as mulheres não me entendessem, não me descobrissem.

Gostava do meu poder de chocar. Era bom que eu não olhasse muito para mim, e que nem eu mesmo me entendesse.

Quando olhamos demais para o que fazemos, talvez possamos entender o que somos, e não gostar nem um pouco.

Eu não estava nada interessado de me conhecer a fundo e descobrir que não gostava do que via.

Por ora, eu era Gianluca Tedesco. Um herdeiro apenas, de grandes vinícolas que valiam muitas centenas de milhões, vindo de uma família muito afeita às tradições. Mas eu nascera com um terrível horror às tradições. Por isso, queria em no máximo três anos ter tanto dinheiro quanto meu pai tinha. E eu não demoraria para obter isso sozinho.

Ainda seria um maldito bilionário aos 30 anos, por minhas próprias pernas.

E era por isso que eu era, eu sabia, o mais novo promissor dos investidores da California. O Vale do Silício, em San Jose, onde eu morava, seria apenas uma pequena fase da vida, que eu calculava a cada passo. Eu gostava de quebrar padrões, de surpreender. E de conquistar tudo por mérito próprio.

Um homem de verdade sabia da importância disso: a do mérito. Eu era muito além de um simples herdeiro. Tinha um orgulho de aço, uma ambição sem tamanho, um sangue quente italiano em minhas veias, e um apetite enorme por mulheres, pensei, num sorriso cínico, com os braços cruzados sobre o travesseiro, enquanto avaliava o traseiro estendido sobre a minha cama, estreitando os olhos, e sentia uma invasão de luxúria.

Pela visão periférica, pude apreciar o monte sedoso e feminino, e sorri deliciado, o olhar entrecerrado examinando aquilo que eu queria devorar.

Uma bunda muito boa que ela tinha. E era só isso que eu queria pensar agora: naquela bunda. Morena e empinada, e sua boceta bem aberta para mim.

Uma mulher em seu doce ofício de dar prazer a um homem.

Eu precisava me desestressar. Sexo era aquilo: relaxamento. E eu estava sempre precisando relaxar.

A excitação matinal se espalhava por meu corpo, ajudada pela visão ao meu lado.

Obedecendo ao instinto, que para um homem deve ser o rei na cama, toquei o corpo ainda com delicadeza, deslizando as mãos

por suas curvas, para que despertasse, sentindo a suavidade da pele feminina. Observei, com as pupilas dilatadas, as reações da mulher que nem lembrava o nome, uma morena deliciosa que trouxera para meu apartamento na noite passada. Devagar, ela se virara um pouco para mim, os olhos escuros me olhando como se estivessem em câmera lenta, e seus lábios se curvaram num sorriso, e ela se aproximou mais de meu corpo, mexendo-se sensualmente.

Sempre buscava as mulheres no lugar de costume. Lá, eu não tinha nome. Eu era uma sombra, como gostava de ser. Eu frequentava lugares adoravelmente promíscuos. As perversões me seduziam. Tudo o que é promíscuo me fascinava, por isso eu gostava de andar naquele lugar sacana. E em outros tão sacanas quanto.

Gostava de ser ali um homem prestes a abandonar sua civilização. Ser uma sombra erótica que envolvesse as mulheres, que as pegasse num carro importado e as trouxesse quase sempre para um apartamento de móveis luxuosos.

Minha toca da perdição, como costumava brincar. E era lá que as virava do avesso, as fodia e as fazia gritar, e as mandava embora, em seguida. Sem quase uma palavra sequer. Apenas

algumas gentis o suficiente. Não era um monstro. Talvez bom dia, se já houvesse clareado, talvez um gole de café, num educado silêncio. Um sorriso sutil, um sagaz elogio. Por vezes, um pequeno presente de despedida, e voltava ao meu ar civilizado, abandonando a força pagã do sexo desenfreado.

Depois de muitas, longas hora de luxúria, de urgência e de prazer saciados. Era um caçador cobiçoso de sexo, em busca de presas fáceis.

E elas eram quase sempre fáceis e dóceis, pensei, exatamente como essa agora em minha cama, enquanto respirava o cheiro almiscarado que exalava de seu corpo.

Por fim minhas mãos deslizaram um pouco mais acima, experientes, os polegares roçando por sua clavícula, quando fui premiado pela sensação deliciosa de um seio muito duro e empinado, um belo trabalho de um cirurgião, e a safada gemeu e aquilo despertou uma profunda satisfação animalesca em mim, que me fez agarrar com alguma força os globos rijos, e apertar meu enorme pau contra seu traseiro.

Ela virou o rosto para mim, e me fitou com olhar lúbrico, mordendo os lábios, que sem poder suportar, mordi.

Minhas mãos reagiram, indo para seus cabelos longos e encaracolados, que puxei com força, enrolando em meus punhos selvagemente, suspirando, devagar, e lambendo a forma graciosa de sua orelha, os dedos deslizando por sua barriga indo em direção a sua suave e lisa boceta, já caramelada de excitação.

Introduzi um dedo na superfície escorregadia e apetitosa, enquanto ela se contorcia para mim.

Absorvi sua vibração sufocada de prazer ao sentir meu pau se apertando em seu traseiro e meus dedos se introduziram em sua entrada molhada, o que me fez grunhir, satisfeito, trincando os dentes.

Sentia sua mão se dirigindo ao meu comprimento, mas eu estava com pressa demais para brincadeiras.

– Vou te virar, e vou dar o que você está querendo...

– Sim... – Ela mal teve tempo de responder.

Num rompante, eu a peguei e a virei de costas, brutalmente, erguendo um pouco sua bunda e dando um tapa em seguida, tomando o cuidado de pegar um preservativo na mesa de cabeceira e rasgá-lo com os dentes, as mãos e indo e vindo por seu corpo

submisso, o prazer sedento de sentir a forma de seu traseiro, esperando ser possuído.

Que pena que elas quase nunca dão a bundinha de primeira.

– Abra a boceta para mim – ordenei, com voz enrouquecida, louco pela sensação de alívio.

Ela ronronou em resposta, seu corpo se abrindo para mim, como determinara. Para receber meu pau grande, grosso e pulsante, pronto para prová-la.

Comecei a bombear quase no mesmo instante após penetrá-la, com violência, os impulsos fortes dentro dela, enquanto agarrava seus cabelos com selvageria. A sensação de poder me tomando. Sexo era uma forma de poder.

– Isso, sua safada! Toma!

E ouvia os gemidos escapando de sua boca, descontrolados, enquanto seus quadris se movimentavam com os meus.

Ao terminar de descarregar, estava exausto, a respiração ofegante, e me senti amolecer lentamente dentro de seu corpo, numa profunda relaxação, e ouvi seus pequenos gemidos, ainda de olhos fechados, aproveitando meus últimos espasmos do orgasmo.

Ela depois se levantou, o ar agradavelmente feliz, e me beijou ainda sequiosa. Seu rosto estava vermelho, e sua respiração curta e ofegante.

Ela foi então para o banheiro, o andar cauteloso, completamente nua. Enquanto eu descansava e pensava que eu logo mais teria de pegar meu carro e dirigir até a casa de meus pais, por longas e cansativas horas.

Para mais uma tediosa temporada em família.

Só uma foda bem dada antes para me preparar mentalmente para uma vida que não me pertencia mais. Tudo me parecia muito distante, toda aquela vida que eu tinha em Sacramento, as questões de Napa Valley, o controle de pragas das uvas *Zinfandel*, o aroma e sabor dos novos vinhos, se penderiam para cerejas maduras ou ameixas pretas, se gengibre ou anis...

De todo modo, estava cansado. Tiraria aquelas merecidas férias de minha nova vida de investidor, conforme prometido, para ficar com minha família naqueles dias. Na verdade, estava sendo intimado a vigiar minha irmã adolescente de 18 anos.

Na idade dela, eu já fazia o que bem entendia, e me parecia muito idiota vigiar uma adolescente que gostaria de se divertir.

A verdade é que já fazia bastante tempo que não via meus pais ou minha irmã. Passaríamos alguns meses daquele fim de verão, juntos, enfim.

Apesar de ser um puto sem coração, eu adorava minha irmãzinha, Allegra. Não podia não estar feliz com a perspectiva de estar com ela. Meus pais viajariam por uns dias, e era realmente hora de descansar um pouco e matar as saudades, pensando bem.

Estava farto daquele ritmo louco de investimentos.

Voltaria a ser por uma temporada o Gianni da família, e não Gianluca. Aquela era uma parte da legião de que eu era feito: o homem de família.

Só sabia de uma coisa: todas minhas versões de mim mesmo eram fortes, e desprezavam a fraqueza. O amor era uma fraqueza. Só me permitia ter um pouco daquilo com a família.

Jamais com as mulheres. Jamais deixaria qualquer corpinho bonito me escravizar. Por isso que aquela morena, como todas as demais, seria logo convidada a ir embora.

Mas ao ver a morena voltar, com suas curvas perfeitas, e o modo insinuante como caminhava, e a visão da cor vinho tingindo suas unhas que me arranharam na noite anterior, estreitei os olhos,

pensando que bem que ela poderia ficar um pouco mais, ao sentir que meu pau praticamente saltou, magnificamente duro, pronto para mais uma sessão de prazer.

Ergui-me, expondo a ereção vigorosa, a cabeça brilhante e melada e a vi passear os olhos por meu corpo, sedutora, até se fixar no músculo rígido a sua frente, intimando-a a fazer algo que nos satisfaria.

Uma sobrancelha minha se ergueu, e um sorriso cínico assomou meu rosto, ao ter a ideia de que se seguiria na minha frente.

Um pouco mais de putaria, antes de ir. Por que não? pensei, saboreando a sensação.

– Acho que ainda não terminamos, *cuore mio* – disse simplesmente, em um convite silencioso, para que caísse de boca, o que ela parecia querer fazer, ao me olhar de modo ávido e excitado.

– O que gostaria de fazer? – ela perguntou, com um sarcástico e luxurioso.

– Estou pensando que você pode me tirar do tédio – falei, sentindo meu pau dilatar cada vez mais. – De joelhos – asseverei, com um sorriso perigoso, esperando sua obediência.

Ao sentir seus lábios em minha circunferência, em seguida, suspirei de olhos fechados, satisfeito, e desfrutei do prazer que estava recebendo, ao saborear a boca quente fazendo um trabalho incrível de sucção.

E desfrutei de tudo o que tinha direito, em jatos e jatos potentes de prazer, até ser a hora dela sair, pois eu tinha coisas mais importantes para fazer.

Depois, já vestido e o apartamento solitário, como eu gostava, peguei um exemplar do Times, e tomei a primeira dose de *single malt* do dia. Um *Glenlivet*.

Nada de vinho. Isso irritava fortemente meus pais.

Tentaria beber só um pouco dessa vez, pois teria de dirigir por longas horas. Mas nem sempre era assim: não raro, a bebida me ajudava a estimular no trabalho. Era uma boa companhia. Odiava que meus pais me enchessem sobre meus hábitos de homem.

Eu gostava das boas coisas da vida, e ser estimulado pela bebida fazia parte do conjunto de sucesso.

Depois de algumas horas resolvendo problemas, verifiquei o tempo. Choveria um pouco, concluí, olhando para o céu nublado.

Era prudente me apressar.

Mais tarde, já estava finalmente na casa de meus pais, eu me permiti sentir alguma saudade do frontispício legitimamente italiano de nossa casa, de suas muitas árvores, dos objetos de madeira que eu mesmo talhara em meu quarto, quando eu era apenas um garoto. Havia muito, muito tempo, toda aquela vida. Na época, eu gostava de fazer trabalhos manuais com esmero.

Hoje fazia outras coisas bem mais interessantes com muito esmero, pensei sensualmente, rindo de mim mesmo, do quanto eu me tornara um canalha sem princípios, e de como eu poderia ser capaz de sempre tornar as coisas devassas em minha cabeça.

A promiscuidade me caía bem.

Olhei para o violão dos tempos de adolescente, de roqueiro sonhador, querendo uma banda, tocando *Deep purple* para seduzir gatinhas. E me peguei fitando o quadro com uma figura de Pomona nua e sedutora, oferecendo-se para mim. Aquela figura de uma Deusa donzela romana se oferecendo sempre me instigara.

A casa estava vazia, apenas dois empregados muito ocupados pela imensa mansão. Allegra não estava, e então após

alguns minutos rememorando coisas em meu antigo quarto, fui tomar um banho longo e relaxante.

E qual não foi minha surpresa quando, saindo de toalha do banheiro, não observei certa coisinha intrigante no meu quarto, mexendo em minhas coisas, com toda despreocupação do mundo, como se fosse um quarto seu.

Uma pequena ratinha relaxada mexendo em tudo. E falando em um legítimo francês com uma voz suave que me atraiu como anjos atraem uma legião de demônios.

Um misto de fúria e curiosidade se apoderou de mim, quando a coisinha se virou quando me fiz notar, com toda severidade do mundo.

Meus olhos contemplaram então uma pequena corça assustada, quando a interpelei com uma voz profunda e ameaçadora.

Olhos intensos e amedrontados me olharam, escuros dentro dos óculos, e uma profunda coloração cor de morangos se apoderou de sua pele, e tive uma súbita vontade de morder bem ali, onde ela corava, em sua bochecha de morangos frescos, e puxar

seu inocente rabo de cavalo para ver seu pescoço delicado se curvar.

Ela morreria de susto, imaginei, com prazer. E eu adoraria sentir sua respiração assustada perto de mim, e seus leves tremores de dedos em meu peito, se eu a apertasse contra mim.

Percorri o pequeno corpo com um olhar mal-intencionado e um sorriso torto, bastante pecaminoso com minhas más, sempre más ideias que surgiam sempre em minha mente, não importavam as circunstâncias.

Nada que fosse bom passava pela minha cabeça. Seria muito fácil seduzi-la, calculei.

Aquela moça tinha algo perdidamente inocente, e aquilo de alguma forma, fazia meu sangue se aquecer e minha atenção se aguçar.

Ela não sabia com quem estava se metendo, é claro, percebi, reagindo ao seu medo. Estava pálida como um fantasma.

Tentei controlar o sorriso, para não lhe deixar à vontade. Aquele era meu quarto, aquelas eram minhas coisas, e a criaturinha que estava ali, era uma intrusa. E pelo que vi também, com o olhar

profundamente mau e severo, era uma ladra, observei atenciosamente.

E esperei, de braços cruzados, paciente, que ela me desse uma explicação para estar ali, enquanto ela tremia sob meu olhar avaliativo e acusador.

Estava bem paciente. Ao que parece, havia uma menina em minha frente...Teria 18 anos, como Allegra? Aquilo me refreara por um instante. Talvez não tivesse. Talvez fosse exatamente o que parecia ser: uma moça com inocentes olhos de anjo. Um docinho proibido.

De todo modo, sentia uma estranha vontade de colocá-la contra a parede, segurar com delicadeza seu pescoço e perguntar entre seus lábios, o que ela viera fazer bem ali, uma ovelhinha, na toca do lobo.

Mas me contive. Mesmo um canalha como eu tinha seus limites, observei, cauteloso.

Iria provocá-la um pouco mais, e ver como se saía, defendendo-se de mim. Eu apreciava quem sabia se defender de mim. Mas também adorava que uma moça sucumbisse à minha força.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "TÃO MINHA: A VIRGEM E O CEO MISTERIOSO..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).